

20 ANOS DO CURSO DE FILOSOFIA DA UERN EM CAICÓ E O PERFIL DOS PRÓXIMOS 20 ANOS: DO ENSINO DE FILOSOFIA PARA UMA NOVA ATMOSFERA (*STIMMUNG*) ACADÊMICA-FILOSÓFICA

[20 YEARS OF THE UERN PHILOSOPHY COURSE IN CAICÓ AND THE PROFILE OF THE NEXT 20 YEARS: FROM TEACHING PHILOSOPHY TO A NEW ACADEMIC-PHILOSOPHICAL ATMOSPHERE (*STIMMUNG*)]

Marcos Érico de Araújo Silva

marcoserico@uern.br

<https://orcid.org/0000-0002-1317-8698>

Bacharelado em Filosofia (2005), Licenciatura em Filosofia (2006), Mestrado em Filosofia (2008) tendo sido bolsista do CNPq, pela Universidade Federal da Paraíba, e Doutor em Filosofia (2015) pelo Doutorado Integrado em Filosofia (UFPB-UFRN-UFPE), tendo sido bolsista CAPES. Atualmente é Professor CLASSE III, Nível 4, do Departamento de Filosofia da UERN no Campus de Caicó – RN. Foi sócio-fundador da Sociedade Brasileira de Retórica (SBL). É membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (SOBRESKI). É o Editor-Chefe da revista Trilhas Filosóficas ISSN 1984-5561. É líder do Grupo de Pesquisa (DGP-CNPq) NEFHEM: Núcleo de Estudos em Fenomenologia, Hermenêutica e Mística do Departamento de Filosofia da UERN. É membro do Grupo de Pesquisa (DGP/CNPq): Margem Kierkegardiana (UERJ/IFEN). Franciscano professo na Ordem Franciscana Secular (OFS).

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6786](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6786)

Recebido em: 27 de novembro de 2024. Aprovado em: 20 dezembro de 2024

Caicó, ano 16, n. 3, 2023, p. 129-145

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6786](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6786)

Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó



Resumo: O artigo é a partilha do alimento para a festa do pensar celebrativo dos 20 anos do curso de filosofia da UERN em Caicó, ocorrido no ano de 2022. Na língua alemã os verbos pensar (*Denken*) e agradecer (*Danken*) têm a mesma proveniência. O pensar do filósofo-pensador tem uma marca, um *estigma* que marca e demarca, neste ofício, uma peculiaridade e especificidade. É o *próprio* do filosofar do filósofo-pensador. Um pensar típico, *arhé-típico*, de filósofo. Um pensar (*Denken*) que se constitui num agradecer (*Danken*) ao refletir (*ge-denken*), ao re-cordar (*eingedenken*), quer dizer, ao trazer ao coração ou ao pensar a memória (*An-denken*) do Ser que banha ou batiza de sentido o ente, a realidade. “Pois questionar é a piedade do pensamento” (Heidegger, 2006, p. 38). Esse modo de pensar, esse jeito todo próprio de questionamento é seu cacoete, a mandinga do filósofo-pensador. Nesses 20 anos de curso o perfil que se consolidou, em nosso Departamento, foi o ensino de filosofia. Para os próximos 20 anos, em 2042, julgo que celebraremos outro perfil do Departamento, coexistindo com o ensino de filosofia, como sendo a consolidação de pesquisas em outras áreas da filosofia nela mesma.

Palavras-chave: Filósofo-pensador. Filósofo-técnico. Grande Sertão-Vida. Sertão metafísico.

Abstract: This article is a sharing of food for thought for the celebratory celebration of the 20th anniversary of the UERN philosophy course in Caicó, which will take place in 2022. In the German language, the verbs to think (*Denken*) and to thank (*Danken*) have the same origin. The thinking of the philosopher-thinker has a mark, a stigma that marks and demarcates, in this profession, a peculiarity and specificity. It is the very philosophizing of the philosopher-thinker. A typical, archetypical thinking of a philosopher. A thinking (*Denken*) that consists of thanking (*Danken*) when reflecting (*ge-denken*), when re-membering (*eingedenken*), that is, when bringing to the heart or thinking the memory (*An-denken*) of the Being that bathes or baptizes the entity, reality, with meaning. “For to question is the piety of thought” (Heidegger, 2006, p. 38). This way of thinking, this very specific way of questioning is his tic, the philosopher-thinker's mandinga. In these 20 years of the course, the profile that has been consolidated in our Department has been the teaching of philosophy. For the next 20 years, in 2042, I believe that we will celebrate another profile of the Department, coexisting with the teaching of philosophy, as being the consolidation of research in other areas of philosophy itself.

Keywords: Philosopher-thinker. Philosopher-technicia. Great Backlands-Life. Metaphysical backlands.

“Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...” (Rosa, 1994, p. 28).

“Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos” (Melo Neto, 2008, p. 219).

I

Vinte anos é idade de maioridade. Às vezes, porém, a idade não acompanha ou não corresponde à maturidade da personalidade, da experiência da vida. Quando isso ocorre fica, sobretudo, e-vidente, na cara, para os de fora, quando diante de determinada situação o comportamento não se mostra como esperado. O critério ou padrão exigido fala de uma atmosfera ou tonalidade afetiva (*Stimmung*) a partir da qual se julga algo. Ora, se a atmosfera ou tonalidade afetiva não é a apropriada, logo a apreciação da situação, quer seja valorizando-a, quer seja desprestigiando-a, fica comprometida em sua verdade (Cf. Kierkegaard, 2010, p. 16-17). Ser considerado “um bom docente” ou “um bom pesquisador” para um grupo político específico, de discentes e docentes, talvez tenha o seu valor, sobretudo para quem valoriza isto e se articula para ter esse êxito. Contudo, qualitativamente diferente e num compromisso com a verdade, quando o julgamento de “um bom docente” e de “um bom pesquisador” se realiza não por um grupo político específico, mas resulta do reconhecimento de uma diversidade de pesquisadores de uma determinada área de filosofia e de pesquisadores de um determinado filósofo pela contribuição da produção publicada. Assim, da mesma forma como ocorre numa avaliação e julgamento individual de um docente e pesquisador, também ocorre com um Departamento de Filosofia.

Nosso Departamento fez 20 anos em 2022. Este artigo faz parte de um Dossiê que compendia alguns textos de alguns docentes e discentes egressos de nosso curso. Somos gratos, certamente, por todos aqueles que passaram pelo Departamento e, então, ao longo desses 20 anos contribuíram e contribuem para forjar o perfil do Departamento de Filosofia da UERN, Campus Caicó. Aconteceu com nosso Departamento o que ocorreu, décadas atrás, na maioria dos Departamentos de Filosofia no Brasil. Alguns anos predominavam a presença dos padres católicos que, com as aposentadorias, foram sendo substituídos, sobretudo, nas décadas de 80 e 90, por docentes advindos do ambiente das Universidades Públicas, modificando a forma do ensino de filosofia. Estes docentes vieram de escolas filosóficas orientados por docentes que foram orientandos dos próprios filósofos, considerados já clássicos da história da filosofia, como Heidegger, Gadamer, Foucault, Deleuze etc., e, então, o ensino de filosofia ganhou em qualidade.

Para capturar o perfil atual do nosso Departamento basta observar que nós temos apenas três Grupos de Pesquisas vinculados ao CNPq, a saber: 1 *Filosofia e Educação*, 2 *Educar e aprender na Educação Básica* e, por fim, o 3 NEFHEM: *Núcleo de Estudos em Fenomenologia, Hermenêutica e Mística*.

O NEFHEM foi criado em 05 de maio de 2019. Isso significa que só após 17 anos da existência de nosso Departamento é que foi criado um Grupo de Pesquisa que não esteja voltado para a educação, nem para o ensino. Isso não significa que os pesquisadores do

NEFHEM não possam relacionar alguma pesquisa com o magistério filosófico, mas o foco da investigação é com a pesquisa especializada em algum filósofo e/ou contribuição filosófica dentro de uma área da filosofia. O NEFHEM já realizou III eventos, *Logos-Fidei*, trazendo pesquisadores renomados em nível nacional e internacional. Estas palestras estão no canal do YouTube do NEFHEM à disposição dos interessados¹. Os Encontros semanais ou quinzenais das quatro linhas de pesquisas² do NEFHEM, para leitura e discussão sobre textos filosóficos, assim como o contato com pesquisadores de outras IES, qualifica o trabalho de nossos docentes, estimulando o trabalho de pesquisa de nossos discentes. Nossos docentes, através de publicações, participações em eventos e em outros Grupos de Pesquisas como palestrantes, assumem uma participação ativa como protagonistas, por exemplo, nas áreas de Filosofia da Religião, Fenomenologia e Filosofia da Libertação publicizando suas pesquisas e contribuindo para a pesquisa na área.

O ensino de filosofia é, como compreendo, compreendido como decorrente da pesquisa, então a primazia não está nas ciências da educação (ônticas), mas é pensado a partir da própria filosofia (ontológica). Portanto, o NEFHEM é o primeiro Grupo de Pesquisa no qual os docentes e discentes envolvidos, desde diversas linhas de pesquisas, pensam, pesquisam e publicam filosofia em interlocução com os pesquisadores especialistas em determinados filósofos e/ou uma área da filosofia. Esse é um sinal, pois, de uma nova atmosfera ou tonalidade afetiva acadêmica-filosófica que se instaurou *recentemente* em nosso Departamento de Filosofia.

Desde 2019, então, se abre uma nova possibilidade em nosso Departamento de Filosofia: a pesquisa em diversas áreas da própria filosofia coexistindo com a pesquisa de ensino de filosofia. Julgo isso muito promissor para que nos próximos 20 anos seja consolidada com a criação de outros Grupos de Pesquisas. Estamos, hoje, em 2024, aguardando a chegada de um docente efetivo no concurso que está em curso. Nos próximos dez anos haverá aposentadorias e, conseqüentemente, a chegada de novos docentes que trabalharão durante umas três décadas no Departamento. Serão esses docentes que forjarão um novo perfil para o Departamento nas próximas décadas. Em todo concurso para filosofia está sendo exigido doutorado e muitas publicações. Os que chegarão, portanto, já terão uma maturidade formativa, estarão no ritmo de pesquisas e publicações com articulações com GT's e pesquisadores especialistas no filósofo e área da filosofia que se especializaram. Portanto, os que chegarão irão desejar manter esses contatos com pesquisadores e desejarão, inclusive, intensificar suas pesquisas individuais publicando contribuições para a avaliação e progresso dos estudiosos dos filósofos nos quais são especialistas, ou da área de filosofia em que atuam.

Não é assim que ocorre em todo Departamento? Não é este o movimento natural de quem com responsabilização por sua carreira docente se compromete seriamente enquanto pesquisador(a)? Logo, julgo que nos próximos 20 anos terá um *novo* movimento de consolidação, em nosso Departamento, não mais sobre ensino de filosofia, como foi nesses 20 anos, mas como tendo diversos docentes com publicações que se destacam em diversas áreas da filosofia. Na celebração dos 40 anos do curso, em 2042, certamente teremos especialistas consagrados em determinados filósofos e em determinada área da filosofia com

¹ Canal do NEFHEM no YouTube: <https://www.youtube.com/@nefhem-uern-caico>

² As quatro linhas de pesquisas, nas quais atuam nossos pesquisadores e discentes, a saber, são: 1 Fenomenologia e Mística; 2 Fenomenologia, Hermenêutica Filosófica e Filosofia da Existência; 3 QUIASMA: Fenomenologia, Literatura, Filosofia da Libertação e Latino-americana; 4 Teoria Crítica, Filosofia da Religião e Psicanálise.

trabalhos de pesquisas reconhecidos pelos pesquisadores da área. Não, pois, como predomina hoje, uma produção com ênfase em ensino de filosofia. Também, possivelmente, como desenvolvimento natural dessa nova atmosfera ou tonalidade afetiva (*Stimmung*), já deverá ter um curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia.

É, pois, um movimento natural e salutar que em um Departamento de Filosofia não tenha apenas um perfil, mas vários. Não seria, aliás, estranho, se todo o Departamento tiver apenas como perfil o ensino de filosofia? O movimento natural é de que cada docente publique suas pesquisas trazendo uma contribuição para as pesquisas de determinado filósofo ou de uma área da filosofia, da qual se especializou, sem ser apenas publicação em coautoria da pesquisa que *os orientandos (as) realizam* (a pesquisa, a perspectiva interpretativa são deles (as)!), apresentando para a comunidade de pesquisadores do país e do exterior, seu *próprio* pensamento, *sua* filosofia como *intérprete, estudioso*, deste ou daquele filósofo, desta ou daquela área da filosofia. Portanto, espera-se que no Departamento não ocorra de ter *apenas* produção em ensino de filosofia, mas o que deve vir a ganhar destaque seja justamente os estudiosos que se destacam em várias áreas da filosofia e em determinados filósofos, participando de Grupos de Pesquisas e GT's. Os estudantes, em sua maioria, não querem apenas ensino de filosofia, mas é preciso pensar o ensino de filosofia como derivado da própria pesquisa em determinados filósofos. Ensino de filosofia como *filosofia* do ensino de filosofia, ou seja, sem ser determinado pelas ciências da educação, nem por políticas educacionais, mas pela coisa mesma que está em causa *filosoficamente* no ensino de filosofia. Isso é atingir a maturidade acadêmica-filosófica de um Departamento de Filosofia a partir do crivo desse reconhecimento por parte de outros pesquisadores pela pesquisa especializada produzida. Um curso de licenciatura *em Filosofia* não é um curso *soft* em filosofia, e, por conseguinte, o de bacharelado em filosofia, seria, então, um curso *hard*, filosofia *na vera* (Cf. Araújo Silva, 2020).

Recentemente, na X Semana de Filosofia, evento de nosso Departamento, em 2024, o Prof. Marcos Aurélio Fernandes da UnB, em uma de suas falas (encontra-se no canal do YouTube do nosso Departamento), lembrou que o Prof. Emmanuel Carneiro Leão, um dia, ao encontrar o Frei Hermógenes Harada, saudou-o, desta forma: “Como vai a sua filosofia?”. Saudação estranha e que causa o espanto filosófico porque estamos habituados a escutar ou cumprimentar, no fundo, com indiferença: “Como você está?”, “Você está bem?”, “Como vai?”, e assim por diante. Ao saudar com um “Como vai a sua filosofia?”, a saudação proferida, fere o ouvido de quem é saudado porque traz à tona, ou exige, o essencial de como anda sua vida *implicada* em *sua* filosofia. Como vai a minha filosofia? Eu, como docente e pesquisador, tenho responsabilização com isso? A minha vida profissional expressa uma *busca* como *intérprete* de um filósofo, contribuindo, com minha produção, para uma determinada área da filosofia? Os estudiosos desta área, pesquisadores deste filósofo, do Brasil e/ou do exterior, acompanham com respeito e diálogo crítico *minha* filosofia? Participo de eventos, nacionais e internacionais, sobre o filósofo que sou especialista, ou da área de filosofia na qual sou pesquisador? Publico artigos, capítulos de livros, livros que dão corpo a uma *compreensão própria* de como compreendo a filosofia, da perspectiva interpretativa que *assumo e contribuo* na leitura de determinado filósofo? Estabeleço com meus pares um bom diálogo, crítico e amistoso, fazendo progredir a área da filosofia em que atuo? Enfim, eu *incorporo* em minha vida, de noite e de dia, no trabalho e em casa, a filosofia como *minha* filosofia? Enfim: “como vai sua filosofia?”.

Portanto, 20 anos é uma idade de maioria que celebramos e deve de fato ser celebrada, festejada, com alegria e gratidão. É toda uma geração que perfez, na luta e labuta do trabalho do pensar, na dureza do cotidiano desses 20 anos, o perfil atual de nosso

Departamento, dando ênfase ao ensino de filosofia, na docência e nos dois Grupos de Pesquisas. Agora, recentemente, a partir de 2019, como um interlúdio, abre-se o surgimento de *outra tradição*, no Departamento, coexistindo com o ensino de filosofia. Creio que nos próximos dez anos isto será mais consolidado e, sobretudo, em 2042, na celebração dos 40 anos do curso de filosofia da UERN, em Caicó, essa segunda geração de docentes, da qual dei início, como atual caçula do Departamento, ofertará a uma terceira geração um perfil mais robusto, mais plural e mais academicamente filosófico.

Lembramos que havia apenas dois Grupos de Pesquisas voltados para filosofia, educação e aprendizagem e só em 2019 surge o primeiro Grupo de Pesquisa voltado especificamente para diversas áreas da filosofia. Enquanto Chefe do Departamento, nos anos de 2020-2024, abri as portas e janelas de nosso Departamento para a presença com palestras e aulas de diversos docentes de filosofia, especialistas em diversas áreas e em diversos filósofos. Criei, pois, as Aulas Magnas trazendo professores renomados, de diversos Departamentos de Filosofia, possibilitando aos estudantes participarem de uma aula de filosofia com professores de outras IES vendo como se faz filosofia em outros Departamentos. Também criei as redes sociais do Departamento, Instagram e YouTube, para dar uma maior visibilidade às nossas atividades e interagir com outros Departamentos. A revista *Trilhas Filosóficas* sempre recebia o Qualis B5 em filosofia, desde sua criação em 2008. Assumi, como Editor-chefe, a revista em 2018. Atualizei as publicações e mantive a periodicidade. Modifiquei o foco editorial, de filosofia, educação e ensino, para filosofia com os Dossiês temáticos. Convidei, junto com o Editor Assistente, Prof. Klédson Tiago, especialistas em filósofos, como Editores Convidados, para organizarem e congregarem pesquisadores especialistas no filósofo que o Dossiê tematizava. A chegada de submissões, depois desses procedimentos, aumentou significativamente. Quase a totalidade dos artigos foram de pesquisadores doutores. Na última avaliação do Qualis, 2017-2020, galgamos um salto de B5 para *A4*. Com efeito, a comunidade filosófica do país e a comissão da área de filosofia reconheceram este trabalho.

II

Na língua alemã os verbos pensar (*Denken*) e agradecer (*Danken*) têm a mesma proveniência. A ação de agradecer, o gesto afetivo da gratidão brota espontaneamente no coração e no corpo do ser humano sensível capaz de se co-mover pelo dom recebido, pela dádiva do presente gratuitamente doado. A acolhida receptiva e grata do dom engendra o pensar. O movimento do pensar acolhe o presente da verdade do real a partir disso mesmo que se presenteia no presente da realidade. O pensar do filósofo-pensador não colhe e recolhe (*logos, legein*) apenas o doado (ente), mas, sobretudo, recepciona a doação do Ser no doado, na dádiva.

O pensar do filósofo-pensador é obediente a essa doação do Ser como a maior das dádivas. O pensar do filósofo-técnico, do administrador, do político *travestido* de pensador tem olhos para ver apenas o doado, não o doador escondido na doação. O pensar do filósofo-técnico, não é o pensar do filósofo-pensador. Seu pensar é um cálculo a partir e em vista do ente. Está atento à moda do tempo, sendo escravo de estatísticas de dados que revelem um

bom dígito, um bom *ranking* nas pesquisas do mercado educacional, sem, porém, ter o tato, melhor, o olhar que vê que em nada disso encontra-se o *essencial* da formação filosófica. Sua fala e sua escrita também comprovam que sua força está na busca de atender esses dados com a evidente perda de fôlego do elemento filosófico. Se não é capaz de ver, então não busca, nem reconhece quando isto se mostra. E, então, não se dispõe na sadia *confrontação* (*Auseinandersetzung*) com o que se faz e como se faz onde impera a busca pela excelência da formação filosófica nela mesma, sem porquê, nem para quê. Seus olhos cobiçosos não têm a paciência de se concentrar no essencial e, por isso, é fraco para ver e descrever o Ser à medida que é forte para ver e se ocupar do ente. Seu modo de ser é de sofista e não de filósofo. Grita muito, mas filosoficamente não fala nada; quando produz, não é fecundo, não tem algo de *próprio*. O que sua visão enxerga como essencial é, para o filósofo, um quadro secundário.

Pensar [*Denken*] e agradecer [*Danken*] são, em nosso idioma [alemão], palavras que tem uma e a mesma origem. Aquele que rastreia o sentido entra no âmbito do significado de palavras como: “refletir” [*ge-denken*], “recordar” [*eingedenken*], “memória” [*An-denken*], “devoção” [*Andacht*] (Celan, 1993, p. 117).

O pensar do filósofo-pensador tem uma marca, um *estigma* que marca e demarca, neste ofício, uma peculiaridade e especificidade. É o *próprio* do filosofar do filósofo-pensador. Um pensar típico, *arché-típico*, de filósofo. Um pensar (*Denken*) que se constitui num agradecer (*Danken*) ao refletir (*ge-denken*), ao re-cordar (*eingedenken*), quer dizer, ao trazer ao coração ou ao pensar a memória (*An-denken*) do Ser que banha ou batiza de sentido o ente, a realidade. “Pois questionar é a piedade do pensamento” (Heidegger, 2006, p. 38). Esse modo de pensar, esse jeito todo próprio de questionamento é seu cacoete, a mandinga do filósofo-pensador. Na prática da capoeira angola, o angoleiro *incorpora* de tal modo essa arte que, à paisana, fora do contexto da roda de capoeira, seu modo de ser é de angoleiro. Não pode não ser, sendo, aliás, difícil de esconder. Do contrário seria um mal capoeirista, mesmo que seja um exímio saltador como um ginasta; isso não o torna mais capoeirista. Pode ocorrer, inclusive, de um capoeirista saltar tão bem quanto um ginasta olímpico, mas um ginasta olímpico não é de *per si* um capoeirista. Isso pode, aliás, até ser, na verdade, um grande obstáculo para a verdadeira aprendizagem da capoeiragem. Não são os saltos e movimentos de *floreios* que determinam a essência do angoleiro, assim como não são a capacidade de argumentar e de ler livros de filosofia que faz do pensador, do intelectual, um filósofo-pensador. Faltaria, pois, a mandinga, a essência do capoeirista, ou a essência do pensar do filósofo-pensador como e enquanto filósofo. Um intelectual, pois, não é um filósofo.

Se o capoeirista for um angoleiro, então, aí a coisa fica mais visível e com mais solenidade. Um bom angoleiro, mesmo caminhando na rua, o modo como se senta numa mesa de bar, nos gestos mais cotidianos da vida, ele denunciaria, pelo seu modo de ser e de se relacionar com seu mundo circundante, que ele é um angoleiro. É seu corpo, isto é, seu *modo de ser*, que *in-corporou* o modo de ser da capoeira. O andar malandriado, sua ousadia e coragem, o não fugir de um barulho, o saber-fazer (sua *phronesis!*) movimentos “impossíveis”, o saber-fazer saídas de situações embaraçosas e perigosas de forma quase “mágicas”, além de zelar e atrair proteção espiritual de seus ancestrais, dos mestres do além, são tudo isso

concreções da mandinga da capoeira em sua vida. Da roda de capoeira à roda da vida! Se o filósofo não incorpora em sua vida a filosofia, então será um filósofo-técnico, como o ginasta na capoeira, sentindo a necessidade de mostrar-se e de algum modo autojustificar-se realizando muitos *floreios*; mas engana apenas quem não é do ramo, quem não é um filósofo-pensador.

O pensar do filósofo-pensador é, pois, agraciado e guiado não pelos entes, pelos objetos, mas pelo Ser enquanto sentido articulador dos entes. Isso para o “filósofo” técnico/erudito é inútil, pois ele se guia pelas necessidades prementes dos entes, dos homens. Só tem olhos e ouvidos para isso! São, então, dois modos bem distintos de ver a mesma realidade, os entes, um curso de filosofia... Sobre isso, porém, nada se pode fazer, a não ser constatar o fato, ou humildemente, no silêncio, render graças ao Ser ou ao *Logos* pela graça do dom recebido. Assim como ocorre com a realidade da fé crística, enquanto pura gratuidade da Graça, o filósofo só pode agradecer (*Danken*) ao Ser por doá-lo o pensar (*Denken*). Esse pensar não provém da lógica, mas do mistério do Ser. É pura doação, na pura, puríssima gratuidade! Isso não significa que a doação é dada ao preguiçoso porque é preciso estar na abertura, na disposição de acolhida. O *dom* recebido, implica em *tarefa* a ser cumprida. Quem acolhe, recebe e, então, experimenta a gravidez filosófica na necessidade de corresponder ao Dom, trazendo-o à luz no conceito (concepção!), através de publicações. Todo filósofo, todo artista, todo poeta sabem muito bem, com um saber de experiência corpóreo-espiritual, acerca de tudo isto.

É preciso estar na dimensão contemplativa, na *inatividade* da ação, como dirá Byung-Chul Han (2023), ou na dimensão pré-teorética ou pré-reflexiva, como ensinará a tradição fenomenológica (Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty), para que a ação seja fecunda e não apenas produtiva. A fecundidade da produção acontece a partir do fundo misterioso da inatividade ou da contemplação quando sentimos uma força que nos conduz a lutar com as palavras para dar corpo, na linguagem, no conceito, ao que se recebeu ou foi dado ver na intuição. A produtividade sem fecundidade é quando na *Hybris* de ter quantidade de publicações, sem um *pensar próprio*, sem perseguir uma *interpretação própria* numa *questão*, só se publica coletivamente. Na linguagem da malandragem, na capoeira, isto é dito assim: “Quem tem [mandinga], tem! Quem não tem, não tem!”. Simples assim! A ação, o fazer é uma necessidade, mesmo um constrangimento, no sentido de um ter de mostrar ou trazer à luz o que foi doado, o que foi mostrado em nossa interioridade, em nosso pensar. O que foi dado ver na *intuição*, precisa ser gestado ou desenvolvido no escondimento, através da leitura e da meditação solitária, e, então, na hora oportuna fazer o *partejamento do conceito*, através de alguma publicação. Por outro lado, o filósofo-técnico, o erudito, como Gilvan Fogel gosta de expressar, é um eunuco, estéril, infecundo, sem a vida do pensar. O fazer, a ação do filósofo-pensador não é regida pelo cálculo, pela produtividade, mas pela *fecundidade* que se fundamenta numa *inatividade* para poder fecundar. Nosso grande Rosa retrata esse mistério e ensina-nos que nem todos são agraciados com este tipo de saber, de vida, de dom e, por isso, o que nos cabe é ser gratos, *sendo e fazendo*, sem nos preocupar em querer explicar, ou entrar em querela: “**Para que conto isto ao senhor? Vou longe. Se o senhor já viu disso, sabe; se não sabe, como vai saber?** São coisas que não cabem em fazer idéia” (Rosa, 1994, p. 292, negrito meu).

Para i-lustrar, como que passando óleo de peroba, dando maior visibilidade e abrilhantando com solenidade o que está em causa, visualizemos a seguinte cena. Heidegger e Ortega y Gasset, assim como alguns políticos, cientistas, arquitetos e engenheiros são chamados para falarem no *Colóquio de Darmstadt*. No dia 5 de agosto de 1951, Heidegger proferiu sua conferência pela manhã e Ortega y Gasset, pela tarde. A conferência de

Heidegger teve como título: *Construir, habitar, pensar*. A conferência de Ortega y Gasset foi *O mito do homem para além da técnica* (Cf. Fernández, 2023).

A cidade de Darmstadt, como toda Alemanha, estava passando por uma situação muito difícil, muito crítica no pós-guerra com milhões de pessoas sem casas, desamparadas. Os ouvintes do *Colóquio de Darmstadt* eram engenheiros, arquitetos, políticos. Todos entusiasmados por desejarem reconstruir a Alemanha, a cidade, frente a toda a devastação do pós-guerra. Nesse contexto muito sensível e de exigências pragmáticas às claras com um público de ouvintes de técnicos esperando indicações concretas para a reconstrução das casas, das cidades, Heidegger e Ortega fazem suas conferências. E o que discursam — isso é importante em nosso contexto celebrativo — absolutamente em nada atinge às expectativas do auditório. Na verdade, possivelmente, a maioria dos ouvintes sequer entenderam a razão dos filósofos serem chamados porque diante do que disseram e do que eles julgavam necessários, as falas não diziam absolutamente nada para eles, ou para a maioria deles. Heidegger, aliás, inicia assim o discurso, destruindo logo de entrada toda falsa expectativa de uma tonalidade afetiva equivocada dos ouvintes:

As páginas que se seguem são uma tentativa de pensar o que significa habitar e construir. **Esse pensar o construir não pretende encontrar teorias relativas à construção e nem prescrever regras à construção. Este ensaio de pensamento não apresenta, de modo algum, o construir a partir da arquitetura e das técnicas de construção.** Investiga, bem ao contrário, o construir para reconduzi-lo ao âmbito a que pertence aquilo que *é* (Heidegger, 2006, p. 125, itálico do autor, negrito meu).

Diante do contexto de muitas pessoas sem casas, Heidegger é chamado enquanto filósofo para falar. Ele já inicia a fala informando de que vai meditar sobre o que significa habitar e construir. Mas, habitar e construir, numa compreensão filosófica desses fenômenos, não são determinados por nada da construção civil, apesar de que justamente oferta o sentido de toda possibilidade de se efetivamente construir algo para conduzir a uma habitação. Heidegger é filósofo, possuindo e exercendo o pensar de um filósofo-pensador, não o pensar de um filósofo-técnico. Um técnico do pensar certamente teria outro procedimento porque tem outro espírito, o espírito das ciências, não possuindo a mandiga do pensar do filósofo-pensador. Com toda certeza faria uma pesquisa de campo, ou enviaria orientandos para realizá-la. Precisa ter informações sobre materiais de construção, custo da mão de obra, as possibilidades de envolver convênios com empresas privadas no empreendimento etc. Talvez faça uma enquete, ou um questionário do *Google Forms*. Diante dessa coleta de dados elaboraria um discurso, certamente com algumas citações de filósofos que pudesse endossar sua fala emprestando-lhe um sotaque filosófico. E, então, o auditório, os ouvintes que não têm ouvidos para o pensar da filosofia, mas para as necessidades mais prementes da situação, bateriam palmas e explodiriam em entusiasmo para o ilustre filósofo-técnico. Imaginem se, nessa atmosfera ou tonalidade afetiva criada pelo filósofo-técnico, um filósofo-pensador fosse realizar sua meditação. Seria ignorado, ou insultado! Foi exatamente o que aconteceu

com Heidegger no *Colóquio de Darmstadt*³ Mas, Heidegger continua sendo o filósofo-pensador que foi e é tendo, ainda hoje, o texto de sua conferência traduzido e comentado em diversas línguas! Os outros, seus críticos, foram engolidos pela história...

III

O primeiro docente convidado para ministrar a Aula Magna, no ano de 2020, durante minha primeira gestão como Chefe do Departamento, foi o Prof. Gilvan Fogel. Participando, à época, de grupo de estudo com Gilvan, formalizei o convite. Informei, rapidamente sobre o perfil de nosso Departamento, e pedi que assim que possível ele informasse o título da Aula Magna, ficando livre para qualquer temática. Lembro que, inclusive, falei que tinha certeza de que independente do tema, a fala seria filosófica e nos conduziria para o âmbito da filosofia. Em poucos dias, muitos dias antes da Aula Magna, Gilvan Fogel não só informou o título, mas já enviou, por e-mail, o texto com o título: “A filosofia e seu ensino”. A Aula Magna encontra-se no Canal do Departamento no YouTube⁴ e foi publicada em nossa revista *Trilhas Filosóficas* (Fogel, 2020)⁵. De fato, a Aula Magna, assim como o texto, é o testemunho de um filósofo-pensador, um Mestre do pensar, acerca de como se deve compreender o ensino de filosofia a partir da própria filosofia e em vista dela mesma.

Ver, quer dizer, compreender o ensino de filosofia determinando-o como deve ser por causa das ciências da educação, do ENADE, do desinteresse de alguns estudantes é *ametropia filosófica*; um olhar *vesgueado*. Ensinar filosofia através de quaisquer facilidades pedagógicas que não seja no ensinar a ler/compreender os textos dos grandes filósofos é cultura, não filosofia. Seria o mesmo equívoco se Heidegger, ao invés de enfrentar o tema do “construir” e do “habitar” filosoficamente, o fizesse a partir das regras da construção civil. Ou de quem querendo compreender filosoficamente a Inteligência Artificial (IA) procurasse entender tudo relativo ao funcionamento da Inteligência Artificial (IA) como se isto fosse o caminho filosófico para a compreensão do fenômeno. Como se a Inteligência *Artificial* ensinasse a melhor pensar e a escrever filosoficamente! Sobre a questão da técnica, como modo correto de compreender o fenômeno filosoficamente, Heidegger escreve:

Questionaremos a *técnica* e **pretendemos com isto preparar um relacionamento livre com a técnica**. Livre é o relacionamento capaz de abrir nossa Pre-sença [Dasein] à essência da técnica. Se lhe respondermos

³ Ortega y Gasset escreveu sobre essa situação. Heidegger também escreveu essa lembrança por ocasião do falecimento de Ortega y Gasset. Lembrou que, após sua fala, um ouvinte tomou a palavra. Foi de algum modo ofensivo acusando Heidegger de ter diluído no pensamento a questão de que todos desejavam resolver. Ortega y Gasset pediu a palavra e saiu em defesa de Heidegger.

⁴ Para assistir na íntegra a Aula Magna do Prof. Gilvan Fogel acesse o link: <https://www.youtube.com/watch?v=3NRysjFKglQ&t=10s>

⁵ Como sempre o Prof. Gilvan Fogel enviou o texto, mas no dia da Aula Magna ele ministrou livremente, sem fazer a leitura. Portanto, aconselho aos interessados tanto a assistirem a Aula Magna no YouTube, quanto a lerem o texto publicado na *Trilhas Filosóficas*.

à essência, poderemos fazer a experiência dos limites de tudo que é técnico. **A técnica não é igual à essência da técnica.** Quando procuramos a essência de uma árvore, temos de nos aperceber de que aquilo que rege toda árvore, como árvore, não é em si mesmo, uma árvore que se pudesse encontrar entre as árvores. **Assim também a essência da técnica não é, de forma alguma, nada de técnico. Por isso nunca faremos a experiência de nosso relacionamento com a essência da técnica enquanto concebermos e lidarmos apenas com o que é técnico, enquanto a ele nos moldarmos ou dele nos afastarmos.** Haveremos sempre de ficar presos, sem liberdade, à técnica tanto na sua afirmação como na sua negação apaixonada. A maneira mais teimosa, porém, de nos entregarmos à técnica é considerá-la neutra, pois essa concepção, que hoje goza de um favor especial, **nos torna inteiramente cegos para a essência da técnica** (Heidegger, 2006, p. 11, itálico do autor, negrito meu).

Paradoxalmente, estar muito informado com riqueza multiforme de detalhes acerca de algo (um ente) é tornar-se cego para a essência (Ser) deste algo que se quer compreender. Ensinar ou fazer filosofia não se reduz a cultura. Ensinar ou fazer filosofia não se limita a aprender pensamentos acerca de algo da realidade. Filosofia, em sua essência, em seu modo de ser, não se faz na linguagem da erudição. Isso é muito geral, vago e indeterminado. Pensamentos, enquanto uma compreensão da realidade, sempre serão importantes, válidos e verdadeiros. São constitutivos da cultura. Temos, pois, vários pensamentos e de diversos tipos, estilos. Pensamento histórico, matemático, de sabedoria popular, o literário, o poético, o artístico, o científico etc. O pensamento filosófico também é um *tipo* de pensamento, mas nem todo pensamento é filosófico. Ora, o pensamento filosófico tem sua peculiaridade, sua especificidade, sua essência singular distinguindo-se de qualquer outro pensamento. De que *tipo* é, pois, o pensamento filosófico? O que é o *próprio* do pensamento filosófico? Qual sua constituição? O que ele, ao ser pensado, expresso na linguagem do conceito, faz o leitor ver, tornando-o visível, diferenciando-se de qualquer outro pensamento? Não é jamais uma coisa *enquanto objeto*, mas o que torna visível é um *modo de ser* que possibilita a força ou o poder desta coisa ser e aparecer. No exemplo acima, no filosofar do filósofo-pensador, acerca do que consiste o “construir” e o “habitar”, não aparece nada sobre tijolos, cimentos, diárias de pedreiros etc. Ou ainda, ao pensar acerca da Inteligência Artificial, não se visa descobrir toda operacionalidade técnica para melhor lidar com o seu funcionamento. Quando não se visa o filosófico, num texto ou numa fala, o mais importante, mesmo essencial, fica *encoberto*, e, então, o acidental, o mais premente e urgente para o cotidiano, ganha destaque e rouba a cena. É o poder imperioso, sofisticado da *sofística*.

O pensamento filosófico, ao contrário de outros pensamentos, não se trata de enunciar um juízo, verdadeiro ou falso, acerca da realidade. Os diversos pensamentos científicos e culturais se movem na contribuição de enunciar um juízo verdadeiro sobre a realidade. Isto é muito salutar e importante para a sociedade. É útil! O pensamento filosófico, contudo, não busca um juízo *verdadeiro* da realidade, mas acerca da *verdade* do verdadeiro. Estamos num âmbito ou dimensão da inutilidade, da inatividade, da contemplação. O pensamento filosófico, pois, põe em questão os outros pensamentos. Há, então, uma clara intercomunicação entre pensamento filosófico e outros tipos de pensamentos. Mas o que não há e não pode haver é uma *identidade* e, então, diluição entre os pensamentos de diversos tipos e o filosófico. A filosofia pode e deveria dia-logar, por exemplo, com o pensamento

literário, com a literatura em prosa ou poética, mas isto não significa deixar o *logos* da filosofia para assumir o *logos* da literatura. O *logos* da literatura ao mostrar, evidenciar, o modo de ser do homem, da psicologia de um personagem, numa ontologia, por assim dizer, regional, então o filósofo poderia aproveitar disto como ilustração da descrição fenomenológica do fenômeno descrito por ele numa ontologia radical, quer dizer, desde a essência própria do fenômeno na universalidade singular. O trabalho do conceito em diálogo com a tradição não pode deixar de acontecer. O estudante, pois, deve ser conduzido para essa experiência e não ser dela protegido. A linguagem técnica, o pensamento especulativo constitutivo de cada filósofo por mais difícil que seja precisa ser enfrentado, saboreado, conhecido. Faz parte da profissão! Isso é filosofia, faz parte de seu modo de ser. Esquivar-se disto pode certamente agradar ao discente que não quer filosofia, que não tem compromisso com o aprendizado da filosofia nela mesma, mas sem isto não se dá o aprendizado de filosofia num curso superior de filosofia⁶. Sem isto não se exercita no *ofício* de filósofo-pensador e fica-se numa *dublagem* assumindo o ofício de aprendiz de erudito, de discípulo de filósofo-técnico. Escutemos Gilvan Fogel que, numa entrevista, toca nessas questões:

Por exemplo, não acredito que o caminho seja o da reprodução e da transmissão, isto é, da informação, do passar adiante de clichês, de estereótipos, de dígito. Educar não é informar. Informação não é conhecimento, não é saber, não é pensamento, não é criação. Criar não é combinar dados, não é análise combinatória a partir de estereótipos. Informação é dado, é coisa morta. Como ponto de partida, como necessário ponto de partida, precisa-se dela, sim — para logo perdê-la, abandoná-la, superá-la, de maneira igualmente necessária. Uma época que identifica saber, conhecer (pelo menos conhecer e saber em sentido próprio e originário) com informação não pode ser levada a sério. Pior ainda se isso quiser ser, fundar uma pedagogia. Colocar, por exemplo, um técnico, um economista ou um administrador de empresas para ser o

⁶ Meses atrás assisti uma palestra do Prof. Jean-Luc Marion, pelo YouTube, muito fundamental, seguindo este fôlego. Quem deseja acompanhar a conferência, proferida em julho de 2019, intitulada de “Qu'est-ce qu'un événement? Pourquoi de la philosophie en un temps de détresse?” [Que é isto – um evento? Por que a filosofia em um tempo indigente?], veja o link: <https://www.youtube.com/watch?v=NxIwYvrWonM&t=2468s>. Importante que em dado momento o filósofo francês faz a distinção entre formação e informação. Crítica, então, o uso do *Data-show* (Show de dados!), do *powerpoint*, porque este instrumento facilita a transmissão de informações e, assim, empobrece, emburrece o desenvolvimento do pensamento filosófico. Isto prejudica o pensamento e, portanto, o ensino de filosofia, porque segundo Marion, o *powerpoint*, o *Data-show*, operado pelo do(c)ente ajuda a *transformar* uma *questão* em um *objeto*. Ora, uma aula de filosofia, no curso superior de filosofia, deve seguir o fluxo do pensamento do pensador que coloca em questão a própria filosofia, uma época, um tema. Sintetizar o pensamento de um pensador em alguns tópicos, resumindo algumas ideias manuais, para assim poder falar de muitos filósofos num curso de filosofia é, necessariamente, para que isso possa ser feito, nos poucos dias que tem à disposição, transformar uma questão em objeto. Assim o filósofo-técnico transforma, muda a natureza de uma questão, com sua dinâmica e vivacidade, para transmitir ou reproduzir uma ideia-morta por objetificá-la, domesticá-la em objeto, simplificando-a e, assim, negando-a, matando-a. É o pensamento calculador do filósofo-técnico que quer ser protagonista e, então, precisa evitar o questionamento. No movimento do questionamento, enquanto “piedade do pensamento” (Heidegger), o protagonista é o Ser e, por isso, os filósofos-pensadores lutaram com a linguagem para poder nomear, *conceituar* essa experiência, essa realidade. Acompanhar essa luta com a linguagem, na dinâmica apaixonante, apesar de difícil, da especulação, da terminologia aparentemente abstrata de cada obra de pensamento, é o melhor exercício filosófico de iniciação à filosofia. Isto é filosofia e não uma solução para um problema premente, imediato da realidade. Sobre isto a filosofia chega sempre tarde porque não está em sua alçada. As ciências e os outros saberes, outros tipos de pensamentos, porém, existem justamente para oferecerem essas respostas.

gestor da educação, que assume e, com ar cândido e simplório (ou será mesmo pedante?), diz: “Agora, esta Secretaria vai funcionar como uma empresa” — isso, me parece, no mínimo estúpido. É a cumplicidade com a mediocridade, é compactuar e resignar-se justo com aquilo que precisa ser questionado, revirado, transfigurado — superado. Superar, lembremos, não é abolir, eliminar, excluir, recusar pura e simplesmente. Superar é mesmo incluir, incorporar desde outra dimensão, desde outro registro. Isso é, será sempre uma tarefa, uma grande tarefa. Mas não coisa para técnicos, para *especialistas*, para *vesgos* (FOGEL, 2013, p. 234-235, grifo do autor).

Mediocridade sempre há e haverá, mas não deveria *predominar* a cumplicidade com a mediocridade. Mas isto é o que mais ocorre em todo e qualquer lugar. Isso faz parte da dinâmica mesma da vida. É preciso receber o toque da *transcendência* para que numa *conversão* de vida e pensamento não sejamos cúmplices, fraternos com a mediocridade. A vida medíocre tem seu próprio ritmo decadente. A decadência não é propriamente que seja errada, na verdade ela é apenas imprópria, inautêntica. A decadência é constitutiva do modo de ser do homem, de seu estar na não-verdade. Se isto não fosse assim, o fenômeno não ocorreria. Mas o ritmo da cadência decadente não é o mais próprio do homem. É possível — e isto o filósofo busca viver e, sobretudo, tematizar em seu pensamento — sincronizar e sintonizar o ritmo da própria vida à cadência do próprio Ser.

Heráclito diria: *homologar* com o *Logos*. O *Logos* não é um objeto, um ente, uma ideia, mas o Ser que se instaura enquanto abertura, um horizonte de sentido. Nele o filósofo move-se, transforma-se, e, a partir dele, compreende a realidade. Quando o filósofo vê algo, ele já vê este algo a partir da luz do *Logos* que doa a doação da visão. Não são os objetos, o visto que lhe faculta o ver, mas, antes e originariamente, é o que não se vê no ver que lhe doa a visão. O filósofo-pensador, então, obedece apenas ao esplendor e resplendor do *Logos*, porque é por causa de sua Luz que o filósofo não é cego, mas é o *vidente*, o *clarividente* da verdade da realidade. Sempre há uma frater-nidade na mediocridade, mas o filósofo-pensador presta obediência (*ob-audire*) apenas àqueles e àquelas que *também* fizeram votos ao *Logos*. “As minhas ovelhas escutam a minha voz, eu as conheço e elas me seguem” (Jo 10,27). O filósofo-pensador professa publicamente seus votos ingressando numa confraria se nessa frater-nidade de fato e ontologicamente existir o vínculo fraterno de devoção, de piedade ao *Logos*. Quando essa “consaguinidade”, para lembrar Nietzsche, acontece, então naturalmente a *minoritas*, a *forma minorum*, instaura-se como horizonte de sentido e, então, se obedece na pobreza e liberdade franciscana ao *ministro*, ao superior, seja este intelectual, ou seja inculto.

Obediência aqui, como se percebe, não é subserviência. Assim seria se alguém for cúmplice da mediocridade. Obediência (*ob-audire*) é ouvir, escutar e, então, acatar, deixar-se guiar pela força da *pobreza* do *Logos*. Heráclito, mais uma vez, diria, através do fragmento 50: “Auscultando **não a mim, mas o *Logos***, é sábio concordar que tudo é um”. Só é possível *ver*, e, então, reconhecer o *Um*, isto é, o *mesmo*, se e somente se, habituamos o pensamento a auscultar não a qualquer um, mas tão somente o *Logos*. O filósofo-pensador se alia, se irmana, apenas e tão somente à *voz* do *Logos*. Só nela e com ela é que ele se afina com seu *faro*, instinto, para identificar em qualquer fala, em qualquer texto, o *Logos*. Há nesta presença-ausente do *logos* uma *pobreza* porque é *em si* e *por si* a própria riqueza. A Luz possibilita ver a riqueza multicolor das cores e a pluralidade de formas das coisas, mas a Luz em si, nela mesma, não pode ser vista. A Luz, o *Logos*, o Ser são em si mesmos, pobres e simples e, por isso mesmo,

dotados de uma riqueza que transborda, doando-se. Tudo que é belo, verdadeiro e bom, na verdade, são só o que são por receber essa doação. O pobre é o obediente e, por isso, é livre. Livre de amarras, de conveniências, de politicagens. Ausculta o *Logos* e, então, obedece-o, servindo-o na liberdade da pobreza. O *Logos* é o Absoluto. Servindo o *Logos*, segue o Absoluto, todo solto. O pobre, pois, em sendo livre porque segue o *Todo solto*, é o desprendido. O pobre nada tem, nada busca, nada quer fora do *Único necessário*. O pobre vive sua pobreza, sua vida como a *Grande Vida*, em *perfeita alegria* e grata pacificação de ter acolhido essa vocação, esse modo de ser. O pobre carece de tudo menos do *Logos* e, por isso, é o verdadeiro rico. O pobre de tudo, mas rico do *Logos*, do *Único necessário* (Lc 10, 42), experimenta a *perfeita alegria* descrita pelo *poverello* de Assis; a alegria não está nos dons, carismas e fama que todos os homens almejam, mas em suportar com paz, paciência e alegria o padecimento, o *pathos* do e pelo *Logos*.

IV

Euclides da Cunha é um grande pensador da literatura. Não se pode deixar de lê-lo, entretanto, comparado ao que estamos meditando, arriscando cometer um *pecado grave*, no modo como escreve sobre o sertão, poderia designá-lo de filósofo-técnico. Uma perspectiva “cientificista” do sertão. Guimarães Rosa, por outro lado, mostra-se, sobretudo, em *Grande sertão: veredas*, como um filósofo-pensador. Um fenomenólogo que busca descrever o sertão, ou os fenômenos do sertão a partir de uma ontologia do sertão. “Aqui é Minas; lá já é a Bahia? Estive nessas vilas, velhas, altas cidades... Sertão é o sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente” (Rosa, 1994, p. 435). O sertão, não é em Guimarães Rosa, apenas ou tão somente o espaço territorial geográfico de uma região. A topografia do sertão, diferente de Euclides da Cunha, com Guimarães Rosa, ganha a conotação ontológica-existencial. Onde está a delimitação precisa da fronteira do sertão de Minas e o sertão da Bahia? Claro que o escritor bem sabe! Mas o que no *logos* de sua literatura, na linguagem de sua escrita quer mostrar ou tornar visível é uma dimensão vital-existencial da vida, da existência. Retira o sertão de uma compreensão bitolada ao regional, à idolatria do lugar, a um bairrismo. O “sertão é o sozinho”, o singular, não é o coletivo, a massa informe que não se singulariza. Não é o sertão da Bahia, ou o de Minas, ou o do Seridó do Rio Grande do Norte, ou o do Seridó da Paraíba. Não, porque o “sertão: é dentro da gente”. O “dentro da gente” não tem altitude, nem latitude, nem longitude, não tem cor, não tem gênero. Não há um GPS, um App ou uma IA que facilite sua localização. Sertão, *dois pontos*. Isto é, o que explica ou caracteriza o sertão não é sua topografia geográfica, mas a topografia existencial ou metafísica: “Sertão: é dentro da gente”. E, por isso, o “sertão é o sozinho”.

Assim como a minha vida ou minha morte, ninguém pode vivê-las por mim, assim é o sertão. E, com efeito, não importa o lugar em que estou vivendo, se no Sertão, ou no Litoral, ou no Brejo, ou no Agreste, ou no Norte Global, ou no Sul global, mas o que é decisivo e determinante é o *modo como vivo* a vida que me é dada viver neste ou naquele lugar. Sertão, pois, em sendo *metafísico*, como numa entrevista lapidarmente Rosa definiu, então, o *sertão*, em *Grande sertão: veredas*, indica a cadência de como a vida deve ser vivida para ser

autêntica, em homologação com o *Logos*. Sertão *metafísico* é sempre o *Grande* ser-tão, quer dizer, a vida mais Vida, mais plena e abundante, que se dá, acontece ou realiza-se em *veredas*, isto é, nas possibilidades de ser-capaz-de, ou de poder-ser. São, pois, nas veredas, quer dizer, nos vários modos *possíveis* de viver a vida, de vir-a-ser o que precisa ser que a *Grande Vida*, encarna-se. A vida sertaneja é a vida de *Grande* sert-ão, da *Grande Vida*, da vida mais *própria*. *Veredas* são, então, caminhos, mas não vias pavimentadas, asfaltadas, sinalizadas. Veredas são caminhos rudes, estreitos de não tão fácil caminhar, assim como acontece com toda e qualquer vida que quer crescer, fazer-se *Grande*. “Grande” não fala de rico, famoso, influente ou *digital influencer*. Mas está mostrando uma qualificação da vida desde a interioridade, do que se é, do que conseguiu tornar-se a partir de si mesmo, mesmo no escondimento mais oculto. Então, “Grande” é a vida pobre, fecunda, alegre, livre, enfim, vida de solidão sem ser solitário. Vida de eremita sem ser *fuga mundi*, mas fuga para o *interior do interior*. Viver a vida assim como *Grande Vida: veredas*, sem ter cumplicidade com a mediocridade, é muito, mas muitíssimo perigoso. Viver, quer dizer, entrar no seguimento, no discipulado da *Grande Vida* indo pelas veredas *a-dentro*, no *interior do interior*, é muito perigoso. Mas só assim a vida se assenta, repousa no movimento próprio de seu *próprio*.

Porque o sertão é dentro da gente, é o sozinho, então tudo isso fala de uma dimensão *transcendente* que salva ou redime o homem das circunstâncias contingentes. A topografia existencial ou metafísica tem *primazia* sobre a topografia geográfica. O lugar não é o espaço geográfico, mas é o espaço vital-existencial com o qual mantemos, ou precisamos manter uma relação existencial de *sentido* (*Logos*). Estamos sempre num lugar, num *locus*, ao mesmo tempo geográfico e existencial. O lugar existencial é onde habitamos. O lugar geográfico tem um forte poder sobre quem nele se encontra. É uma atmosfera ou tonalidade afetiva (*Stimmung*) que pervade e rege um determinado modo de ser. Sentimos isso, ao adentrarmos em um local sagrado, numa Igreja ou Santuário. Também sentimos uma atmosfera ou tonalidade afetiva pesada, asfixiante, em determinados lugares. Não tem, nem precisa ter placa, sinalização. É um afeto, um *pathos* que simplesmente aparece, manifestando-se, *possuindo-nos*, modulando nosso modo de ser e de relacionamento com o mundo circundante. O poder da força do lugar é perdido, ou relativizado, quando a força do *transcendente* ou *Absoluto*, invisível e franciscanamente Pobre doando riqueza, se instaura na existência. É, então, que a topografia do sertão, tão típica e própria, com sua crueza, resistência, sobriedade e pobreza, é apropriada existencialmente pelo Indivíduo Singular. A paisagem e a vida sertaneja são interiorizadas: “Sertão: é dentro da gente”. O sertão *localizado* dentro da gente torna-se um poder muito maior que o poder do lugar geográfico. Assim, agora, então, o lugar geográfico perde o poder sobre nós e podemos respirar com um novo fôlego, uma nova vida, um novo espírito.

Por isso que Guimarães Rosa também escreve: “Sertão. Sabe o senhor: sertão é **onde [lugar existencial] o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar [lugar geográfico]**. Viver é muito perigoso...” (Rosa, 1994, p. 28, negrito meu). Logo, o sertão *localiza-se* dentro da gente e é justo aí que “o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar”. Portanto, vivendo o *Grande sertão*, a vida mais Vida, ao interiorizar o sertão topográfico em sertão metafísico, então as veredas que se abrem para nós, são veredas do pensamento, da *vida do pensamento*. Nestes caminhos do pensar, nas *trilhas filosóficas* do sertão, no Cerrado ou na Caatinga, transpostos *existencialmente* como fenômeno existencial, ocorre o partejamento existencial-espiritual da vida digna de ser vivida, nem que seja uma *vida severina*.

Viver sendo cúmplice da mediocridade ocorre sempre às mil maravilhas e sob holofotes, mas o que mais importa é viver a vida como *Grande Sertão-Vida: veredas*. “Como

vai sua filosofia?”. Pobre, livre, alegre, vida escondida (“sertão: é dentro da gente” = “O Reino de Deus está dentro de nós” (Lc 17,21)), fecundidade, solidão (“sertão é o sozinho”), eremita. Tu, estimado leitor (a), terias coragem? Coragem de padecer, no exercício do *pacientar-se* da paciência, o *pathos* e, então, a experiência de viver a *Grande Vida* pelas *veredas* da pobreza, da liberdade, da alegria, da vida escondida, da fecundidade, da solidão e, enfim, tornando-se eremita (*Ein-siedler*) do Ser ou do Logos?

V

Como comentei uma das epígrafes, o leitor(a) deve esperar o comentário da outra, sobretudo, ao aludir à *vida severina* de João Cabral de Melo Neto. Mas, vou parar por aqui, para não azedar a festa. Então, faço ressoar no fim desse meu festejar os 20 anos do curso, o que foi posto como uma das epígrafes: “Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos” (Melo Neto, 2008, p. 219). Escutei esse verso de Gilvan Fogel... Para tecer uma manhã, um novo dia, um novo tempo, precisa de *outros* galos com o mesmo *pedigree*, ou consaguinidade, ou mesmo espírito. Mas supondo que outros galos não surjam por muitas noites, sempre haverá um galo sozinho, esquecido, vivendo, cantando, fazendo o que precisa ser feito no total desprendimento sobre os resultados. O galo *sozinho* canta, não no desespero, mas na *perfeita alegria* do desprendimento da pobreza. O galo *eremita* canta porque tem esperança de que a noite está terminando e que a Luz vai ressurgir. Não sabe e nem quer saber *até quando* precisa cantar sozinho, mas tão somente ocupa-se do cumprimento de sua tarefa. O galo sozinho no seu fazer e *a-fazer* tem a mesma tonalidade afetiva da “rosa”, de Angelus Silesius: “A rosa não tem porquê: floresce porque floresce. Não cuida de si mesma nem pede que olhes para ela” (Silesius, 1996, p. 67, n. 289). O galo, na tradição cristã, representa a vigilância, a atitude de vigília e de vigilante, alertando aos que dormem, inconscientes, de que os perigos das trevas estão próximos do fim. Também anuncia a negação da recusa de padecer com o *Logos*; uma admoestação! Simboliza o exorcizar os demônios, as trevas, as forças invisíveis, mas bem tangíveis, do Mal. O galo simboliza, finalmente, a ressurreição, a Luz rasgando a escuridão das Trevas, expulsando-a com seu canto, preparando o lugar ao *pregar*, com seu canto e encanto, o mistério da teofania da Luz. “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!” (Lc 14, 35).

Para finalizar, acrescento outro pensar, também de *Educação pela pedra*, deste grande pernambucano, debitando na conta do leitor para que possa concluir a leitura deste artigo, lendo essa estrofe e interiormente possa extrair as conclusões, dado as premissas desta nossa meditação, e, assim, encerro a festa do pensar (*Denken*) enquanto um agradecer (*Danken*):

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No sertão a pedra não sabe lecionar,
e, se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma

(Melo Neto, 2008, p. 207).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de. “A questão da formação na licenciatura em filosofia: magistério pedagógico, ou magistério filosófico?”. *In: Revista Instante*, Campina Grande-PB, Brasil, V. 3, N. 1, 2020, p.7-38.

CELAN, Paul. “Discurso pronunciado al recibir el Premio de Literatura de la ciudad de Bremen”. *In: Nombres: Revista de filosofía*, Córdoba, Argentina, n. 3, 1993, p. 117-118.

FERNÁNDEZ, Enrique González. “La controversia entre Ortega y Heidegger sobre construir y habitar, clave para la comprensión de tres tesis orteguianas”. *In: Quién*, N. 18, p. 121-145, 2023.

FOGEL, Gilvan. “Entrevista – professor Gilvan Fogel”. *In: Revista Teias*, v. 14, n. 32, p. 228-238, maio/ago, 2013.

FOGEL, Gilvan. “A filosofia e seu ensino”. *In: Trilhas Filosóficas*, Dossiê Filosofia e mística, Fluxo Contínuo, v. 13, n. 1, p. 303-316, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa ou sobre a inatividade**. Tradução de Lucas Machado e revisão de Daniel Guilhermino. Petrópolis: Vozes, 2023.

HEIDEGGER, Martin. “Construir, habitar, pensar”. *In: Ensaios e conferências*. 3ª ed. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Bragança Paulista: Universidade São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2006.

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis**. Tradução e posfácio de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2010.

MELO NETO, João Cabral de. “A educação pela pedra”. *In: A educação pela pedra*. São Paulo: Alfaguara, 2008.

MELO NETO, João Cabral de. “Tecendo a manhã”. *In: A educação pela pedra*. São Paulo: Alfaguara, 2008.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. *In: Ficção completa*, Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SILESIUS, Angelus. **O peregrino querubínico**. São Paulo: Paulus, 1996.